



## **A trajetória das quebradeiras de coco babaçu do povoado Serra - MA: fortalecer a base social para estimular o protagonismo e autonomia**

*The trajectory of babaçu coconut breakers from Serra - MA: strengthening the  
social base to stimulate protagonism and autonomy*

TEIXEIRA, Silvia Silva<sup>1</sup>; LUDEWIGS, Thomas<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Sócio Economia Solidária (ISES), silvia.dantas@ises.org.br; <sup>2</sup>Universidade  
Federal de Brasília (UNB), tludewigs@gmail.com

### **Eixo Temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais**

**Resumo:** O presente relato descreve a trajetória de 19 quebradeiras de coco babaçu do povoado Serra, município de Tufilândia - MA, iniciada em 2017 a partir da “Troca de Saberes: Cozinha do Babaçu”, organizada pelo Instituto Sociedade, População e Natureza - ISPN. A atividade teve como objetivo fortalecer a base organizativa do grupo a fim de estimular a construção da autonomia financeira a partir do potencial econômico do mesocarpo. Priorizou-se, neste trabalho, bases metodológicas participativas a partir de intercâmbios com mulheres quebradeiras de outros povoados, oficinas formativas, informativas e mutirões. Os resultados dialogam com os princípios da agroecologia, a partir da ressignificação das mulheres que saíram da invisibilidade para a construção do protagonismo sociopolítico, com a construção da unidade de beneficiamento “Mãos de Fibra do Babaçu”, gerida a partir da ação coletiva e do capital social protagonizado pelas mulheres.

**Palavras-Chave:** mesocarpo; capital social; sexismo; mulheres.

**Abstract:** The present report describes the trajectory of 19 women from Serra village, municipality of Tufilândia – MA, who work as babassu coconut breakers. The start point took place in 2017, based on the event “Babassu Cuisine: an exchange of knowledge”, organized by the Institute Society, Population and Nature - ISPN. The activity aimed to strengthen the group organization in order to stimulate financial autonomy from the mesocarp economic potential. In this work, priority was given to participatory methodologies, based on knowledge Exchange meetings with babassu breaker women from other villages, training workshops and joint efforts. The results dialogue with the principles of agroecology, based on the resignification of women who left invisibility to built sociopolitical protagonism, and on a processing unit enterprise named “Hands of babassu”, managed through the collective action and social capital inherent to this group of women.

**Keywords:** mesocarp; share capital; sexism; women.

### **Contexto**

O território onde está localizado o povoado Serra pertence a Amazônia Legal. É uma zona rural distante 12 quilômetros via ramal da sede do município de Tufilândia, MA. Marcada pelo latifúndio e pela grilagem, o território sofre com os impactos das práticas de manejo adotadas por fazendeiros e criadores de gado e pela Estrada de Ferro Carajás (EFC) da VALE, que vem modificando de forma significativa a paisagem ocupada por agricultores familiares e populações tradicionais. Essa privatização da



propriedade da terra associada à pecuarização restringe o acesso das quebradeiras de coco aos babaçuais localizados em pastagens (PORRO, PORRO, 2015).

Neste território antropizado, a palmeira do babaçu (*Attalea spiciosa*) domina e sobrevive resiliente aos inúmeros impactos a que é submetida, como a sua supressão criminosa através da derrubada, do fogo ou pelo envenenamento das pindovas (palmeiras jovens do babaçu). Foi neste cenário, que durante o período de 2014 a 2019 que o ISPN começou a executar seus trabalhos em 25 comunidades do Maranhão com ações previstas pelo Programa de Apoio às Comunidades Tradicionais (PACT). Neste sentido foi implementado esse apoio como condicionante para as obras de expansão da EFC/VALE, entre estes, estava o povoado Serra.

Distante cerca de 200 metros da linha férrea da VALE, Serra sofre com os impactos decorrentes das atividades da empresa. A estrutura do povoado é composta por asfaltamento da via principal, uma escola de ensino fundamental, igrejas, posto de saúde, sistema de abastecimento de água, energia elétrica e a Associação local União Beneficente Recreativa dos Moradores do Povoado Serra, majoritariamente composta por homens.

As principais atividades produtivas praticadas no povoado são: a pesca artesanal no lago Tora-Pau (ou Zutiua), a criação de pequenos animais, a criação de gado em pequena quantidade, o cultivo de hortaliças nos próprios quintais e mais recentemente a criação de suínos da raça *landrace*, que foi introduzida no povoado via projeto da VALE. Quando as ações do PACT se iniciaram em Serra, a pesca e a horticultura eram as principais cadeias produtivas defendidas para serem fortalecidas com o recurso de R\$ 40.000,00, previstos inicialmente pelo PACT.

### **Quebradeiras: a batida do porrete, a descoberta.**

Durante uma visita ao povoado para capturar imagens da rotina de pesca no lago Tora-Pau, ouviu-se ao longe o som de uma batida seca. Eram os sons de pequenos grupos de mulheres que sentadas no chão quebravam o coco, apoiando nas pernas um machado e nas mãos uma maceta (porrete). Os grupos eram compostos por mulheres de diversas faixas etárias e uma ou outra criança aprendendo aquela, que era uma prática ancestral, uma vez que essa é uma atividade que passa de mãe para filha.

Neste contato, estabeleceu-se uma conversa informal, onde elas relataram as dificuldades enfrentadas para quebrar o coco, o uso basicamente para o consumo e venda a R\$0,30 por kg de amêndoa aos atravessadores e comerciantes locais, um preço injusto, pautado na necessidade. A dependência financeira do marido estava atrelada às poucas oportunidades que tiveram na vida. Muitas nem chegaram a ser alfabetizadas, outras casaram cedo e tiveram muitos filhos. O pouco que ganhavam com a venda do babaçu era sempre destinado ao sustento da casa. E uma fala significativa ouvimos:

*“Eu comecei a quebrar coco com 10 anos, coisa da precisão”.*



Rosinete Reis Moraes, quebradeira, 66 anos.

Ali estavam mulheres invisibilizadas pela desigualdade de gênero, secundarizadas à função de mães e esposas, as quais descreviam naquele instante suas vidas:

*“A minha vida foi muito sofrida, eu não tive estudo. A gente quebrava o coco pra comprar arroz, feijão”.*

Maria da Conceição, quebradeira, 55 anos.

Esta forma distorcida a que foram submetidas ao longo de suas vidas também as impossibilitaram de entender a sua importância para o provimento do sustento familiar, bem como para a sobrevivência de práticas ancestrais e para a manutenção das funções ecológicas a partir do manejo sustentável, que é essencial para a sobrevivência dos babaçuais.

A história dessas mulheres se confunde com a história da própria palmeira, numa relação ditada pela necessidade, respeito e resistência frente ao legado patriarcal. O ISPN percebeu partir desse encontro a importância em apoiar o grupo de quebradeiras e, para isso, fortalecer a cadeia produtiva do babaçu. O trabalho com a Associação foi estabelecido e mantido, estimulando uma reflexão sobre a priorização do apoio financeiro ao babaçu.

## **Metodologia**

A partir destas percepções, definiu-se como linha macro de atuação o fortalecimento organizacional do grupo. As metodologias foram: a) enfoque participativo, b) intercâmbio com as mulheres quebradeiras de coco de Pedrinhas Clube de Mães, de Itapecuru-Mirim – MA, para a capacitação na produção de subprodutos do mesocarpo; c) oficinas sobre cadeia produtiva d) oficina sobre elaboração de projetos ecossociais f) oficina sobre gestão de projetos, g) mutirões para a construção da unidade de beneficiamento do mesocarpo.

Foi proposto ao grupo a capacitação no beneficiamento do mesocarpo, pois as mesmas não conheciam seu potencial econômico e nutricional, queimando todo o coco para a produção do carvão. O mesocarpo é uma das substâncias mais ricas em nutrientes do babaçu, com ampla utilização na culinária de doces, bolos, sorvetes etc. Essa estrutura do fruto encontra-se localizado entre o epicarpo e o endocarpo, e seu processamento pode agregar valor à toda a cadeia produtiva.

## **Troca de Saberes: cozinha do babaçu - descortinando o saber**

A cozinha do babaçu foi realizada em parceria com dona Catarina e sua filha Rosilda, quilombolas e quebradeiras de coco de Pedrinhas Clube de Mães, município de Itapecuru Mirim – MA. Durante cinco dias elas permaneceram em Serra ensinando todo o processo de beneficiamento do mesocarpo e subprodução do mesmo em



produção da culinária demonstrando as etapas divididas em teoria e prática que aconteciam simultaneamente.

Outro momento importante desse intercâmbio foi a construção política das mulheres de Serra que passaram a conhecer através dos relatos de dona Catarina e Rosilda as diversas formas de enfrentamento das quebradeiras de coco babaçu, contra o sexismo, a segregação e a violação dos seus direitos ao usufruto coletivo ou mesmo individual às áreas de babaçuais.

O ISPN promoveu como parte da Cozinha, um intercâmbio para o quilombo Pedrinhas Clube de Mães de dona Catarina e Rosilda. A partir dessa troca de experiência as mulheres de Serra, decidiram trabalhar coletivamente e para juntar recursos e conseguirem produzir elas quebraram 53 kg de amêndoas em apenas um dia. Com o dinheiro da venda das amêndoas começaram a produzir os subprodutos da culinária do babaçu no próprio povoado de forma independentemente do recurso do PACT. Em uma casa desocupada e cedida ao grupo elas construíram um forno de barro que gerou um resultado significativo em que em apenas quatro meses haviam feito um montante de R\$2.600,00, que foi fruto das vendas de bolos e biscoitos. Para resumir:

*“As mulheres de Serra ontem eram umas mulheres que não tinham o conhecimento que tem hoje”.*

*Maria das Chagas, quebradeira 59 anos.*

## **Resultados**

A experiência reforça a importância em se fortalecer a base organizacional e de como esse instrumento foi essencial no caminho percorrido pelo grupo de Serra, que passaram a buscar o seu protagonismo, diminuindo a dependência financeira do marido a partir da construção da unidade de beneficiamento “Mãos de Fibra do Babaçu”.

O processo fortaleceu o sentimento de união, de confiança e do capital social inerente ao grupo, potencializando ações coletivas para o bem comum. O grupo tem muito claro em sua identidade a importância do senso de democracia e de partilha, bem como multiplicam o que aprenderam para outros grupos de quebradeiras do Maranhão.

Elas estão organizadas e empoderadas por uma identidade coletiva, bem como em contínuo processo de amadurecimento da iniciativa e da valorização do papel da mulher na comunidade e para a soberania do sustento familiar. O mesocarpo e o biscoito produzido por elas são hoje vendidos no vagão social da VALE e em municípios vizinhos gerando renda e oportunizando visibilidade ao grupo. O trecho abaixo ilustra bem esses resultados:

*“...Dinheiro do babaçu, dinheiro malu ganhado, bem cedo comprar a dinheiro, de tarde comprar fiado/Um dia o babaçu, de manhã até meio dia, a mulher*



*que quebra ele junta ele na viria/Bota o leite na coalhada, a coalhada no cajú,  
se não fosse o babaçu nos todo andava nú.”  
Trecho cantado por D. Maria Macaúba, quebradeira, 84 anos.*

## **Agradecimentos**

Às admiráveis quebradeiras de coco babaçu de Serra, que nos possibilitaram essa riqueza de experiência; ao ISPN, que no DNA da sua identidade, trabalha com respeito à luta pelos direitos dos povos e comunidades tradicionais e dos agricultores familiares; e à Associação União Beneficente Recreativa dos Moradores do Povoado Serra que deu espaço para que o projeto fosse delas e para elas.

## **Referências bibliográficas**

PORRO, R.; PORRO, N. S. M. Identidade social, conhecimento local e manejo adaptativo de comunidades tradicionais em babaçuais do Maranhão. **Ambiente e Sociedade**, v. 18, n.1, pp. 1-20, 2015.